

José Roberto Santos Neves

Uma aula de jornalismo

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Você perdoaria? Essa não é propriamente uma pergunta fácil de ser respondida, mas o questionamento ganha contornos dramáticos quando quem está do outro lado é uma senhora chamada Eva Schloss, uma das raras sobreviventes dos campos de concentração de Auschwitz. Com 81 anos, ela vivenciou as piores atrocidades que ocorreram no século XX e, depois de décadas de silêncio, resolveu revelar sua história de superação no livro "A História de Eva", fazendo através da obra uma cruzada contra a intolerância ao redor do mundo.

Nessa série de viagens, Eva veio ao Brasil para o lançamento do livro e concordou em falar para alguns jornalistas. Um deles foi Geneton Moraes Neto, o autor da pergunta citada acima. A entrevista - uma aula de jornalismo - foi ao ar na semana passada, na Globo News, dentro da série "Dossiê".

Esse mesmo estilo de entrevista deu a Geneton o Prêmio Embratel de Jornalismo, no ano passado, pelos programas com os generais Newton Cruz e Leônidas Pires Gonçalves, sobre os bastidores do regime militar. Vi as duas e confesso que fiquei impressionado. Leônidas até que tentou ser gentil, mas o temido Newton Cruz, com seu comportamento hostil e os olhos raivosos voando sobre o entrevistador, faria gelar até o mais experiente dos profissionais. Mas do outro lado havia o Geneton, com invejável controle emocional e objetividade, munido de perguntas corajosas como esta:

- O senhor acha que o Brasil corre o risco de viver de novo uma época em que os jornalistas não podiam fazer perguntas como eu faço agora pro senhor, como general?

Há tempos que acompanho este recifense radicado no Rio de Janeiro, para quem o jornalismo é muito mais do que uma profissão ou um meio de ganhar a vida. Para Geneton, jornalismo é uma missão, um sacerdócio, uma entrega que só deveria ser exercida com paixão, jamais com tédio. Suas entrevistas são saborosas, daquelas que envolvem o público naturalmente, e conseguem extrair as mais dolorosas ou contundentes verdades do entrevistado.

Com seus mais de 30 anos de experiência, ele sabe que a entrevista é uma conversa cujo êxito depende da química entre os dois interlocutores, e que essa harmonia só é possível caso o repórter demonstre amplo conhecimento sobre o personagem e o tema em questão (isso, naturalmente, só se conquista com pesquisa, e muita leitura). Sabe também que, na maioria das vezes em que esse diálogo fracassa, a responsabilidade é do jornalista, que não estudou bem a lição e - pior - desperdiçou uma boa pauta com questões óbvias e frivolidades.

José Roberto Santos Neves

A seguir, algumas das perguntas de Geneton dirigidas a Eva Schloss:

- A senhora declarou que não acredita na bondade humana, mas quando a senhora esteve escondida dos nazistas na Holanda conviveu com pessoas que lhe acolheram e protegeram. Essa não é uma prova de que a bondade humana existe?
- Por que nunca tentou apagar a tatuagem que os nazistas marcaram no seu braço?
- A senhora foi levada pela Gestapo no dia do seu aniversário de 15 anos. Se uma adolescente brasileira lhe perguntasse o que foi o Holocausto, o que a senhora diria?

Com o olhar sofrido de quem viu milhares de judeus serem dizimados nas câmaras de gás, Eva Schloss expôs sua angústia e dor para Geneton, em um depoimento emocionante, que terminou com uma referência dela ao Brasil "como o único lugar do mundo onde não há ódio contra as minorias". A propósito: Eva não perdoa os nazistas. Nunca perdoará.